

Partidos oposicionistas criticam decisão de Aderbal

A decisão do senador Aderbal Jurema de não incluir no substitutivo da comissão mista que examina a Emenda Figueiredo a eleição de senadores no Distrito Federal, restringindo a representação política ao nível da Câmara dos Deputados foi criticada pelos partidos de oposição organizados em Brasília.

A argumentação do senador de que o Distrito Federal não pode ter representação no Senado, por não ser um estado, foi contestada pelo dirigente do PDT-DF, Neiva Moreira, do PMDB-DF, Fernando Tolentino, e pela presidente do PT-DF, Arlete Sampaio.

Segundo Neiva Moreira, esta argumentação não tem fundamento. O antigo DF, no Rio de Janeiro, elegia senadores, deputados e até mesmo vereadores. Fernando Tolentino afirma que a representação no Senado é um direito não dos estados, mas das unidades federadas, entre as quais se inclui o Distrito Federal, na medida em que tem administração e justiça próprias, dispõe de um tribunal de contas independentes, entre outros fatores.

Não há justificativa para esta medida, declara Arlete Sampaio. Para ela, Brasília tem uma razão verdadeira que lhe

dá direito à representação ampla: a razão política.

— “O povo de Brasília não está pendendo migalhas. Queremos uma representação plena. Mas, como não é possível agora, que seja um pouco mais ampla, com a eleição também de senadores”, comenta Neiva Moreira.

O secretário-geral do PMDB-DF, Fernando Tolentino, qualifica a decisão de Aderbal Jurema de “casuismo absurdo”. Segundo Tolentino, a eleição de senador foi suprimida no substitutivo do relator da comissão mista por receio de que o PDS perca as eleições e, com isso, diminua sua margem de vantagem no Senado. O dirigente do PMDB-DF considera esta posição prévia do PDS uma covardia, manifesta antes mesmo de iniciada a campanha eleitoral.

Tolentino observa que entre todas as subemendas que tratam de representação política para o DF, Aderbal Jurema optou “pela forma proposta pelo PDT”, de representação apenas na Câmara dos Deputados. Todas as outras — as de Marcondes Gadelha, Múcio Athayde, Francisco Amaral e Mauro Borges — previam representação mais ampla.